



AMOR LETAL

ROBIN LA FEVERS

TRADUÇÃO EDMUNDO BARREIROS

TÍTULO ORIGINAL *Mortal Heart*

© 2014 by Robin LaFevers. Publicado com a autorização da Rights People, Londres.

© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Marcia Alves

PREPARAÇÃO Raquel Nakasone

REVISÃO Luciane Gomide

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

CAPA E DESIGN © 2012 Richard Jenkins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaFevers, Robin

Amor letal / Robin LaFevers ; tradução Edmundo Barreiros. -- São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2016. -- (O clá das freiras assassinas ; 3)

Título original: *Mortal heart*.

ISBN 978-85-507-0024-3

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

16-04176

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

DRAMATIS PERSONAE

No convento

ANNITH, uma noviça de Mortain

SYBELLA D'ALBRET, serva da Morte

ISMAE RIENNE, serva da Morte

ABADESSA DE SAINT MORTAIN (antes irmã Etienne)

IRMÃ EONETTE, historiadora e arquivista do convento

IRMÃ THOMINE, instrutora de artes marciais

IRMÃ SERAFINA, mestra dos venenos e curandeira do convento

IRMÃ WIDONA, mestra dos estúbulos

IRMÃ BEATRIZ, instrutora em artes femininas

IRMÃ CLAUDE, irmã encarregada do aviário

IRMÃ VEREDA, vidente do convento

IRMÃ ARNETTE, mestra das armas

DRAGONETTE (antiga abadessa de Saint Mortain, falecida)

IRMÃ APPOLLONIA, antiga historiadora e arquivista do convento

IRMÃ MAGDALENA, antiga mestra dos venenos (falecida)

IRMÃ DRUETTE, antiga vidente (falecida)

MATELAINE, uma noviça de Mortain

SARRA, uma noviça de Mortain

AVELINE, uma noviça de Mortain

LOISSE, uma noviça de Mortain

LISABET, uma noviça de Mortain

AUDRI, uma noviça de Mortain

FLORETTE, uma noviça de Mortain

Os hellequins

BALTHAZAAR

MISERERE

BEGARD

MALESTROIT

SAUVAGE

MALIGNE

Seguidoras de Saint Arduinna

FLORIS, uma sacerdotisa de Arduinna

AEVA

TOLA

ODILA

A corte e a nobreza bretãs

ANNE, duquesa da Bretanha, condessa de Nantes, Montfort e Richmond

ISABEAU, sua irmã

DUQUE FRANCISCO II, pai de Anne (falecido)

GAVRIEL DUVAL, um nobre bretão

BENEBIC DE WAROCH, Fera de Waroch e cavaleiro do reino

VISCONDE MAURICE CRUNARD, chanceler da Bretanha

JEAN DE CHALON, príncipe de Orange

CAPITÃO DUNOIS, capitão do exército bretão

PHILLIPE MONTAUBAN, chanceler da Bretanha

BISPO DE RENNES

PADRE EFFRAM

CARLOS VIII, rei da França

ANNE DE BEAUJEU, regente da França

NORBERT GISORS, embaixador francês

MAXIMILIANO DA ÁUSTRIA, o Sacro Imperador Romano, marido de Anne

Os nove

MORTAIN, Deus da Morte

DEA MATRONA, deusa mãe

ARDUINNA, deusa da ferida profunda do amor, filha de Matrona, irmã gêmea
de Amourna

AMOURNA, deusa do primeiro rubor do amor, filha de Matrona

BRIGANTIA, deusa do conhecimento e da sabedoria

CAMULOS, deus da batalha e da guerra

MER, deusa do mar

SALONIUS, deus dos erros

CASSONIUS, deus das viagens e das encruzilhadas

Capítulo Um

BRETANHA, DEZEMBRO DE 1488

EM SUA MAIORIA, OS MESES desolados e sombrios em que as tempestades negras chegavam uivando do norte eram uma época de amargura e tristeza para as pessoas que aguardavam o inverno, que trazia em seu rastro morte, fome e frio cortante. Mas nós no convento de Saint Mortain recebíamos o inverno de braços e coração aberto, pois esta era a estação do próprio Mortain, quando Ele estava pleno sobre nós. Assim girava a roda da vida: a cada fim, um novo começo. Esta foi a promessa que Mortain nos fez.

Então enquanto a maioria das pessoas bloqueava as portas e fechava bem as janelas, nós tínhamos razões para comemorar e sair andando pela floresta, recolhendo ramos sagrados de teixo e coletando azevinho com bagas bem vermelhas que nos lembravam as três gotas de sangue derramadas por Mortain, ferido pelo amor e pela própria flecha de Arduinna.

E por mais que Mortain fosse um deus muito mais gentil do que as pessoas acreditavam, eu não achava que Ele veria com simpatia Suas servas lutando por causa de alguns galhos destinados a seu fogo sagrado.

– Audri! Aveline! Parem com isso!

– Foi ela que começou – disse Aveline, debaixo de seu cabelo ruivo-claro caindo sobre seus olhos.

– Não comecei, não! Foi você! É sempre você. Você é boa com espadas e lutas, por isso sempre quer brigar.

– Meninas! – Bati palmas com uma expressão de desagrado diante do quanto eu me lembrava da irmã Beatriz perdendo o controle das aulas

de charmes femininos. – Basta! Audri, vá ajudar Florette. Aveline, venha aqui comigo.

Achando que a outra menina estivesse encrocada, Audri mostrou a língua para Aveline e correu para ajudar Florette. Em vez de repreendê-la, segurei sua mão e a conduzi até um arbusto sagrado, onde lhe entreguei uma faca.

– Você vai encher essa cesta; e eu, esta.

Satisfeita por receber uma faca, algo normalmente reservado para as meninas mais velhas ou para o pátio de treinamento, Aveline voltou-se para o arbusto e começou a trabalhar.

Mantive os olhos nas folhas à minha frente enquanto falava com ela.

– Você é a mais velha do grupo, Aveline. Não há honra nenhuma em superar as mais jovens que você.

Ela parou de cortar o arbusto e virou seu olhar estranho e solene para mim.

– Você está dizendo que devo fingir ser fraca para que elas possam se sentir fortes? Isso não é dizer uma mentira? – Antes que eu conseguisse desemaranhar sua lógica enrolada, ela deu de ombros. – Além disso, ela tem quase a minha idade e gosta de se mostrar saindo sem capa e sapatos.

Segurei um sorriso, pois era verdade que Audri tinha muito orgulho de sua habilidade para suportar o frio. Ela não apenas não sentia a friagem do inverno, como também não sofria com frieiras nas extremidades nem com a morte dos membros. Esse era o seu dom; ela fora retirada do útero de uma mulher que tinha morrido congelada em uma das tempestades mais violentas do inverno. Audri era tão indiferente ao frio quanto um grande urso branco do norte distante, e se orgulhava disso.

– Isso pode até ser verdade – admiti. – Mas você tem dons tão gloriosos quanto os dela, e constantemente procura briga apenas para poder exibi-los.

Por um instante, uma onda familiar de perda e saudade se formou, e eu tive que fazer uma pausa para respirar ante essa dor. Entre as servas da Morte, a história de nossos nascimentos eram nossos pertences mais preciosos, marcando-nos como verdadeiras filhas da Morte. No dia em que eu nasci, nenhum marido traído ficou andando de um lado para

o outro, nenhuma curandeira me arrancou de um útero frio e morto, nenhum padre itinerante administrou os ritos finais em uma mãe moribunda enquanto eu sugava inutilmente seu seio.

Ou pelo menos eu achava que não, pois a verdade era que eu nem sabia o dia em que tinha nascido, como tinha sido meu parto, o nome de minha mãe, nem mesmo se ela ainda vivia – apesar de acharmos que não, ou eu não teria ido parar na porta do convento com menos de uma semana de idade. De todas as mulheres cujos pés caminhavam sobre aqueles pisos de pedra, eu era a única que não tinha a mínima ideia das circunstâncias de meu próprio nascimento.

Era como uma ferida supurada que eu me treinara a não coçar. Mas, em certos dias, a dor e a ardência eram quase insuportáveis. Especialmente quando eu me confrontava com uma convencida menina de nove anos, abençoada com reflexos tão rápidos que era conhecida por pegar flechas em pleno voo.

Aveline mantinha a atenção no azevinho, mas me observava pelo canto do olho.

– Isso significa que um dia você vai me deixar lutar com você?

Não consegui evitar, e dei risada.

– Você acha que consegue me vencer?

Ela ergueu um ombro.

– Eu acho que gostaria de saber se conseguiria ou não.

Diante de suas palavras, meu sorriso vacilou, e tive de fazer um grande esforço para não largar a faca, derrotada. Até aquela *criança* achava que eu não era mais páreo para ela. Evitei cuidadosamente olhar para o oceano, logo além das árvores. Era um lembrete doloroso demais de que tanto Ismae quanto Sybella tinham sido enviadas para lugares para onde eu não fora, seguindo seus destinos, enquanto eu estava presa ali, bancando a babá para um bando de pequenas assassinas.

Senti um puxão no canto do meu hábito, olhei para baixo e vi Florette ali parada com olhos esbugalhados.

– A gente não queria deixar você triste, Annith.

– Ah, vocês não deixaram. Estou só... – O quê? Estava com pena de mim mesma? Com saudade das minhas amigas? Queria que o destino

tivesse me dado outras cartas? – Estou ansiosa para terminar logo isso para podermos começar a decoração.

Seu rostinho se tranquilizou, e ela voltou para o próprio trabalho enquanto eu seguia para o galho seguinte. Era difícil, muito difícil, não me sentir desperdiçada – como uma espada nova que enferrujou antes mesmo de ser usada. Apertei a faca com firmeza, lembrando-me de que a abadessa tinha me assegurado de que esse era apenas um dos muitos mistérios de Mortain: por que Ele chamara as outras primeiro. Se eu tornasse a encontrá-lo cara a cara, ia Lhe perguntar o motivo.

Com educação, é claro.

– Annith? – disse Aveline.

– Uhm?

– É assim que devemos picar nossos galhos?

Olhei para baixo, horrorizada ao ver os buracos e cortes que tinha feito na casca prateada do teixo, enfiando minha faca várias e várias vezes nele. Pelos santos!

– Não! Claro que não. É só que essa faca precisa ser amolada!

Ela ergueu uma de suas pálidas sobrancelhas ruivas para mim, parecendo bem mais velha que seus nove anos.

– Annith! Olhe!

Ao grito de Florette, virei-me e a vi apontando para o pequeno grupo de árvores. Seria um corvo? Pois eu tinha prometido pagá-la se ela me avisasse sempre que visse um se aproximando. Era nosso segredinho. Como compensação, eu trocava os lençóis de sua cama sem contar a ninguém quando ela os molhava, apesar de achar que muitas meninas desconfiavam.

Corri até as árvores examinando o céu, mas não vi nada.

– Não, não no céu, na água. É um *barco*.

Baixei rapidamente o olhar para o horizonte, e vi que Florette estava certa: havia um barco a caminho da ilha. Senti uma pontada rápida e forte de medo no estômago até ver que o barco não trazia uma das agourentas velas negras que anunciavam a morte.

– Aveline, vá procurar a irmã Thomine e a irmã Widona. Diga a elas que um remador noturno chegou. Audri, fique aqui com as outras meninas e continue a colher as folhagens.

Enfiei a faca na bainha em meu pulso, ergui a barra da saia e corri pela praia rochosa até o desembarcadouro. Havia dois homens no barco, o remador e um outro, um padre itinerante, imaginei. Uma garota estava sentada entre os dois. Ela era pequena, tão pequena que não pensei ser mais velha que Audri ou Florette. À medida que o barco se aproximava em ritmo constante, vi que as mãos dela estavam amarradas, e havia uma corda em torno de sua cintura, prendendo-a ao barco.

O remador noturno viu meu olhar furioso.

– Pode parar com esse olhar, senhorita. Nós só a amarramos para impedi-la de pular na água. Acha que é um peixe, essa daí. – Pisquei, surpresa, e virei-me para o padre itinerante, esperando uma explicação.

Ele acenou a cabeça para me cumprimentar.

– É verdade. Os moradores locais a mandaram primeiro para St. Mer, achando que era uma delas. Mas a abadessa deu uma olhada na menina e soube que não era. Na verdade, sua mãe se afogou, mas eles a encontraram a tempo de tirar a criança de seu útero. Só que aí o pai não quis nada com ela. Achou que o bebê tinha provocado a morte da mãe.

Essa história, como a história da maioria das meninas, apertou meu coração. Eram tantas mães mortas, tantas filhas levando a culpa... Quase agradei por não conhecer as circunstâncias de meu nascimento. Que tipo de morte minha mãe havia sofrido? Que pecados foram imputados a mim por ousar vir a este mundo?

– Bem, agora vocês estão em terra, então desamarre-a imediatamente. Qual o nome dela?

O padre itinerante lançou um olhar desconfortável para o remador enquanto a desamarrava.

– Melusine – disse ele. O marinheiro ergueu aos lábios a concha sagrada que usava em torno do pescoço.

Quando revirei os olhos, foi a vez dele de me encarar.

– Esse é um nome de mau agouro, moça. Especialmente para nós, marinheiros.

– É um nome tolo – murmurou o padre itinerante.

Ignorando os dois, voltei minha atenção para a própria Melusine.

– O que você acha de seu nome?

Ela olhou para mim com olhos exatamente da cor do mar.

– Gosto do meu nome. Eu mesma escolhi.

Sorri.

– Então gosto dele também. Os nomes que damos a nós mesmas são sempre os melhores. Agora, venha. – Estendi a mão para ela. O padre ajudou-a cuidadosamente até a proa e depois a desceu pela lateral até a praia. A menina olhou para trás, saudosa, para a água azul cintilante. Segurei sua mão rapidamente e a puxei em minha direção.

– Você pode nadar depois – disse a ela. – Quando não estiver tão frio.

Quando me virei para acompanhar Melusine até o convento, encontrei um grupinho de três meninas nos observando com olhos grandes e curiosos. Aveline chegou nesse momento, sem fôlego após correr.

– A irmã Thomine está ensinando às outras agora, e a irmã Widona está cuidando de uma égua que está dando cria. Elas disseram que você pode cuidar da recém-chegada. Você já fez isso várias vezes.

E fiz mesmo.



Mandei as meninas mais novas para a aula seguinte um pouco mais cedo – comportamento, com a irmã Beatriz. Ela ficaria irritada, mas seus pequenos aborrecimentos não eram tão importantes quanto instalar a garota. Não achei que Melusine estivesse ferida ou doente, mas era hábito examinar minuciosamente as recém-chegadas, pois muitas vinham malnutridas e eram espancadas, ou abusadas fisicamente de outras maneiras.

Enquanto a conduzia pelo corredor, tentei não pensar em todas as noviças que acompanhei por aquele caminho, que agora mesmo estavam servindo a Mortain de maneira muito mais gloriosa que eu. Tentei não pensar em Ismae lá na corte, com suas roupas elegantes e armas, fazendo o trabalho que nasceu para fazer. Afastei pensamentos sobre Sybella, atualmente em sua quarta missão, sem dar notícias por mais de seis meses. Eu não conduzi Sybella por esse corredor – foram necessárias

quatro freiras adultas, duas de cada lado, para garantir que ela não se machucasse nem fugisse.

Não, não podia pensar naquilo agora. Não podia cair na fraqueza da dúvida e da autopiedade. A porta da enfermaria estava aberta, mas bati com delicadeza para que nossa presença não assustasse a irmã Serafina. Ela ficava tão absorta em seu trabalho que esquecia de comer, dormir e até mesmo onde estava, às vezes.

– Irmã? Temos uma novata.

A irmã Serafina ergueu os olhos de uma longa e complexa série de tubos e frascos, um dispositivo que ela mesma projetara e construíra com o objetivo de aumentar a produção de ervas medicinais e tinturas. Ela espiou por cima de uma espiral de cobre para nós.

– Seu nome é Melusine, e ela foi mandada por engano para o convento de St. Mer. Aparentemente, ela tem afinidade com água. – Sorriu para a menina para que ela soubesse que eu não estava fazendo qualquer juízo de valor.

A irmã Serafina largou um frasco de vidro, esfregou a mão em uma toalha de linho e estudou Melusine.

– Gosta do mar, você?

– Sim, senhora.

Depois de deixar a menina nas mãos habilidosas da irmã Serafina, saí da enfermaria para informar a abadessa de nossa nova adição.

Enquanto me aproximava de seus aposentos, ouvi vozes vindo do interior. Com esperanças de que tivessem recebido notícias de Sybella ou, ainda melhor, notícias de alguma missão para mim, parei perto da porta como se estivesse apenas esperando minha vez de ver a abadessa, depois aproximei o ouvido.

– Essa é uma notícia realmente terrível. – Era a irmã Eonette quem estava falando.

– Não é nada bem-vinda – concordou a abadessa. – E não podia ter chegado em pior momento.

– Isso não a preocupa por *outras* razões? – A irmã Eonette colocou uma ênfase estranha na palavra *outras*, o que me fez apertar mais a orelha na porta.

– Você quer dizer além da doença da irmã Vereda, que nos deixa cegas em um momento em que nossa duquesa está rechaçando pretendentes raivosos e tentando evitar que os franceses invadam e reclamem para si a posse de nosso ducado? Quando nosso país está ameaçado por uma guerra civil e sob risco de invasão? – A voz da madre superiora era mais seca que o pão velho que dávamos aos porcos.

Meus pensamentos voaram imediatamente para Ismae e Sybella e inúmeras outras lá fora no mundo. Sem uma vidente, como iríamos guiá-las? Elas acabariam expostas e sem instruções justamente quando menos poderiam se dar a esse luxo.

– Eu não preciso observar para a senhora que é bastante raro uma das servas de Mortain ficar doente, mesmo uma tão idosa quanto a irmã Vereda. Será que isso não é indício de algum...

– Basta! – A voz da abadessa cortou o ar, interrompendo as palavras que eu estava aguardando com tanta ansiedade. – Você não deve dividir suas dúvidas e preocupações com ninguém. Chame a irmã Thomine ao meu gabinete imediatamente.

Houve uma pausa longa e pesada, enfim rompida pela irmã Eonette.

– Mas é claro, madre superiora. – Sua voz escorria um sarcasmo tão cortante que beirava o escárnio. Esperei que a abadessa fosse repreendê-la por aquilo, que lhe desse um tapa ou a mandasse fazer penitência por demonstrar tamanho desrespeito, mas ela não fez nada.

O suave ruído dos passos da irmã Eonette se aproximando da câmara do quarto fez com que eu me movesse. Rapidamente, antes que ela saísse, desci pelo corredor e comecei a caminhar na direção do gabinete, de modo que estava a bons seis passos de distância quando a irmã Eonette apareceu. Ela olhou para mim.

– A abadessa tem uma reunião com a irmã Thomine – contou-me ela.

– A irmã já está aí? – perguntei inocentemente.

– Não. Vou buscá-la.

– Só vai levar um minuto. – Dei um sorriso rápido e alegre com a intenção de tranquilizá-la, mas ela simplesmente ergueu um ombro, demonstrando irritação. – Muito bem, mas deixo um aviso: ela não está de bom humor esta manhã.

– Obrigada pelo aviso, irmã.

Ela acenou brevemente a cabeça, depois passou por mim e foi buscar a irmã Thomine. Com a cabeça girando, cheia de perguntas, bati na porta com delicadeza.

– Entre.

Eu tinha levado cerca de cinco anos para conseguir entrar naquela sala sem que meu coração acelerasse de medo. Estava satisfeita que, naquele dia, tudo o que eu podia temer era que a abadessa percebesse minha curiosidade.

– Annith! – A abadessa pousou sua pena de escrever. Apesar de estar sorrindo, o sorriso não chegava a seus olhos, e sua pele estava franzida de preocupação. – Que surpresa agradável. Nós temos alguma reunião hoje da qual eu esqueci?

– Não, madre superiora – eu disse, por cortesia. – Só vim informá-la que uma nova menina chegou, enviada pela abadessa de St. Mer.

– Ah, sim. A abadessa me escreveu sobre ela. – Apanhou uma pequena pilha de correspondências e pegou uma carta no alto. – Seu pai achava que ela era amaldiçoada e não queria lidar com ela, por isso foi criada pela irmã da mãe, até que essa mulher morreu dando à luz o próprio filho. O nome dela é Melusine. – A abadessa torceu o nariz para isso. – Um nome completamente frívolo e tolo.

– A própria criança o escolheu – expliquei. – Talvez em uma tentativa de se agarrar justamente às coisas que os outros temiam nela e refazê-las como algo adorável e misterioso.

A abadessa olhou para mim.

– Você provavelmente está certa, e é muito bondosa por ter pensado nisso. Ela poderá ficar com esse nome. – Encostou-se em sua cadeira. – Você tem um jeito tão hábil com garotas recém-chegadas. Eu me pergunto se devíamos fazer com que você servisse como nossa mestra das noviças. Pelo menos até você ser chamada por Mortain.

Não tínhamos uma mestra das noviças havia anos. Não desde que a própria abadessa, na época chamada irmã Etienne, ocupara essa posição, subordinada à abadessa anterior, que chamávamos de Dragonette.

Ela arqueou a sobrancelha e curvou a boca em um raro momento de humor.

– Percebo que você não está muito satisfeita com essa ideia. Parece que acabou de engolir um copo cheio de suco azedo.

– Se por um lado gosto de ajudar as meninas novas, temo que, se eu me concentrar apenas nisso, minhas outras habilidades e reflexos poderiam facilmente se embotar, e talvez eu não esteja pronta quando chegar o chamado de Mortain.

Foi a abadessa que evitou que eu mergulhasse em desespero quando enviaram Ismae em missão e eu fiquei para trás mais uma vez. Ela me garantiu que aquilo nada tinha a ver com minhas habilidades ou dedicação, pois quem era mais habilidosa ou dedicada que eu? Sem dúvida, foi algum capricho do Deus. Ela tinha certeza de que Ele estava me poupando para algo extraordinário.

– Muito bem, então. Mas, pelo que ouço, você superou muitas de suas professoras em seus campos.

Não pude evitar apreciar seu elogio. Não porque ela fosse mesquinha com eles – ela não era –, mas porque eu precisava desesperadamente preencher o vazio que se abriu dentro de mim no dia em que Ismae foi escolhida à minha frente.

Talvez temendo que o elogio me subisse à cabeça, a abadessa mudou de assunto.

– E como estão indo os preparativos para o solstício de inverno?

– Aveline e Louise cresceram tanto que as duas precisam de capas brancas novas, mas a irmã Beatriz está cuidando disso. Ela me garantiu que ficarão prontas para a cerimônia de solstício.

– E como vai a jovem Audri?

– Está bem. Os vapores da raiz de mandrágora só a deixaram enjoada. A irmã Serafina diz que ela vai se recuperar completamente. Seu apetite está bom, seus humores corporais estão equilibrados, e ela dorme profundamente, sem pesadelos nem outros problemas. Ela deve estar bem para se unir às outras nas lições desta tarde, se a senhora desejar.

– Que seja assim, então. Não há razão para mantê-la desocupada. E Lisabet? Como está ela?

Eu sorri.

– Também vai bem. Na verdade, ela descobriu uma nova maneira de simular a morte, e está muito satisfeita consigo mesma.

A abadessa deu um suspiro, como se estivesse se preparando para o pior.

– E o braço de Loisse?

– Como a senhora suspeitava, a queda do cavalo não quebrou seu pulso, apenas o deslocou. Ela também estará bem para a cerimônia de solstício de inverno, apesar de ter de carregar sua tocha com a mão esquerda.

– Isso vai estragar a simetria.

Tentei ocultar a surpresa em minha voz.

– A senhora preferia que ela não participasse?

Ela acenou com a mão.

– Não, não, é só um pequeno aborrecimento, uma imperfeição que não pode ser evitada.

– Ela não vai tentar ficar de pé em cima de seu cavalo outra vez, garanto à senhora. – Não contei a ela que Loisse estava fazendo isso em uma tentativa de se igualar às minhas próprias habilidades, pois não havia razão legítima para uma assassina montar nessa posição, e temi que a abadessa reconhecesse nisso o pecado do orgulho.

– Muito bem. Obrigada, Annith. – Ela pegou a pena de escrever, oferecendo-me o sinal de que estava dispensada. Fiz outra reverência, depois virei-me para deixar o aposento, mas fiz uma pausa ao chegar à porta. Uma pergunta pairava em meus lábios, mas, antes que eu pudesse fazê-la, a abadessa falou: – Vou poupá-la de uma viagem ao aviário – disse ela sem tirar os olhos do trabalho. – Não tivemos notícias de Ismae nem de Sybella.

– Obrigada, madre superiora – eu disse, fechando a porta às minhas costas.

Fiquei tocada ao perceber como ela me conhecia bem; mesmo sob o fardo de tantos problemas, ela ainda tirava um tempo para me tranquilizar. Pois eu via na tensão em torno de seus olhos e na disposição severa de sua boca que seus problemas pesavam sobre ela. Ela sempre fora a mais forte entre nós. Quando a grande tragédia atingiu nosso convento sete anos atrás, ela foi a única a manter a cabeça erguida e a nos conduzir adiante, enquanto as outras só choravam e torciam as mãos.

As insinuações veladas da irmã Eonette tinham chamado atenção em minha longa vigília, e ver a aflição da abadessa fez com que todos os meus músculos se tencionassem. A necessidade de saber o que estava errado era uma pequena criatura faminta mordendo meus calcanhares.

Verifiquei rapidamente o corredor para me assegurar de que não vinha ninguém, então corri para a pequena passagem escondida atrás da tapeçaria de Saint Arduinna apontando sua flecha de prata para a figura escura e encapuzada de Mortain. Era um acesso para a capelinha particular que dava para o gabinete da abadessa. Poucos sabiam de sua existência, e eu só o descobri porque uma vez, quando tinha cinco anos e fui trancada na adega de vinhos como castigo, ouvi a irmã Appollonia e a irmã Magdalena falando sobre ele, sem que nenhuma das duas percebesse que minhas orelhas grandes estavam apenas a uma porta de distância.

Era um hábito que desenvolvi quando jovem: colecionar segredos como um avaro coleciona moedas. Jamais teria sobrevivido aos anos com Dragonette se não tivesse lido cada pedaço de papel que passou pelo meu caminho, ouvido atrás de cada porta, e espiado cada buraco de fechadura, tentando determinar o que ela esperava de mim para que eu pudesse corresponder a essas expectativas o mais rápido possível e evitar as consequências dolorosas de desapontá-la.

Apesar de Dragonette estar morta havia sete anos, eu não fui capaz de me livrar desse hábito. Mas, tal como um avaro com suas moedas, não tinha interesse em compartilhar nenhum desses segredos. Em vez disso, eu os usava para aliviar os lugares esfolados e doloridos de minha alma e para lembrar a mim mesma que outras no convento, outras com habilidades mais impressionantes que as minhas, também tinham falhas humanas.

Afastei a tapeçaria que ocultava a porta da capela, em seguida ergui cuidadosamente o trinco e entrei. Eu me posicionei assim que uma batida seca soou na porta do gabinete da abadessa.

– Entre. – A voz da abadessa chegava baixinha, mas nítida.

Tanto Ismae quanto Sybella possuíam a habilidade de sentir a presença de outras pessoas, mesmo quando havia uma porta ou parede entre elas.

Este era um dom que ainda me faltava. Entretanto, aprendi a compensá-lo reconhecendo as freiras sem vê-las. A irmã Beatriz tinha passos leves, como se dançasse na ponta dos pés, enquanto a irmã Widona movia-se tão silenciosamente que era quase possível sentir seus movimentos em vez de ouvi-los. A irmã Serafina arrastava um pouco o pé esquerdo, e a irmã Thomine pisava muito forte, com passos altos e vigorosos que podiam ser ouvidos a quatro quartos de distância. A menos que estivesse lutando – aí era tão silenciosa quanto o vento, e tão mortal quanto uma flecha.

– Mandou me chamar, madre superiora? – Ouvi a irmã Thomine perguntar.

– Feche a porta, por favor.

Houve um leve estalido do trinco quando ele foi fechado. Depois, silêncio.

– Como Matelaine e Sarra estão se saindo no treinamento?

Seguiu-se uma longa pausa que me fez pensar que o que quer que a irmã Thomine estivesse esperando, não era aquilo.

– Bem o suficiente – disse ela por fim. – Sarra é habilidosa e competente, mas também preguiçosa e sem disposição para se esforçar. Matelaine tem menos talento natural, mas é bem mais comprometida. Infelizmente, suas habilidades únicas não a ajudam em suas tarefas. Por que a senhora pergunta? Elas ainda são jovens. Sem dúvida a próxima a ser enviada é Annith, não? – Tive vontade de abraçar a irmã Thomine por colocar para fora meus pensamentos.

– A irmã Vereda ficou doente. – As palavras da abadessa saíam entrecortadas. – Ela está doente demais para continuar a ter visões. Acho que Annith pode ser chamada para tomar o lugar de vidente.

No início, as palavras não fizeram sentido para mim; era como se a abadessa tivesse começado a falar em alguma língua estrangeira que eu nunca ouvira antes. Ou como se a grossa parede entre nós tivesse inexplicavelmente distorcido as frases. Mas um leve tremor surgiu em meu estômago e se espalhou pelos membros, como se meu corpo entendesse o significado antes de minha mente.

– Mas Annith é nossa noviça mais habilidosa em anos. Francamente, estou surpresa que a senhora tenha enviado Ismae antes dela, pois Ismae

estava aqui havia apenas três anos, e Annith treinou a vida inteira. Por que desperdiçar essas habilidades tornando-a vidente?

Prendi a respiração à espera da resposta.

– Não lembro de incumbir você dessas decisões. – A voz da abadessa estava muito tensa. – Annith sobressaiu-se em todas as tarefas que pusemos à sua frente. Não há razão para acreditar que será diferente com as previsões.

Houve uma pausa curta antes que a irmã Thomine voltasse a falar, desta vez tão baixo que eu mal conseguia identificar as palavras.

– Mas ela vai apreciar esse destino? Ela está treinando desde que era um bebê para ser um instrumento da morte. Na verdade, acredito que foi isso que lhe permitiu sobreviver aos anos de Dragonette...

– Basta! – A voz da abadessa ecoou pelo ambiente como um chicote. – Ela é obediente e maleável, e sempre leva em consideração os interesses do convento. Ela vai fazer o que lhe mandarem. Cuide para que intensifiquem o treinamento de Matelaine e Sarra, para que elas estejam prontas se precisarmos mandá-las para fora. Nós nos concentramos por tempo demais em treinar as noviças mais velhas, e não o bastante em treinar as outras.

Meu coração batia tão alto que quase não ouvi a abadessa dispensando a irmã Thomine, e o som da porta do gabinete se fechando pareceu tão distante que podia ter vindo do fundo do mar. Eu me apoiei na parede sólida às minhas costas, e lentamente me abaixei até o chão. O que ela queria dizer? Como ela podia... Levei as mãos ao rosto e o esfreguei, tentando raciocinar com clareza.

Em todos os meus dezessete anos no convento, nunca tinha passado pela minha cabeça que ser vidente era uma possibilidade para qualquer uma de nós. Se bem que, pensando agora, eu percebia que uma vidente devia vir de algum lugar. Sempre supus que esta era uma posição dada a uma freira quando ela ficasse velha demais para desempenhar outras funções. Ou... bem, a verdade era que eu nunca tinha refletido muito sobre isso.

E por que deveria? Eu nunca havia demonstrado nenhuma habilidade nem afinidade por profecias e visões. Nem haviam me ensinado essas

coisas. Baixei os olhos para minhas mãos, e fiquei surpresa ao ver que ainda estavam tremendo. Cerrei os punhos.

A abadessa não podia estar falando sério. Ela mesma disse que eu era uma das noviças mais talentosas que já tinham percorrido os corredores do convento. Não era possível que esse fosse o desejo de Mortain, pois, se fosse, por que ele me daria esses talentos? Essas habilidades?

Pela primeira vez em mais de dezessete anos, eu me perguntei o que Dragonette pensaria daquilo se ainda estivesse viva. Não, não precisei imaginar. Eu soube: ela jamais teria considerado uma coisa dessas. Seria como produzir uma arma para depois usá-la para mexer uma panela.

Eu nem sabia se para a abadessa isso era uma grande honra ou um castigo.

Não exatamente um castigo, mas um preparo. Era isso que Dragonette diria, com a voz plena com seu desejo palpável de criar em mim a arma perfeita, cuja existência glorificaria Mortain.

Só que agora parecia que essa arma seria trancada, para jamais ser usada com o propósito para o qual fora criada.



Saí rapidamente da capela e comecei a descer o corredor. Eu precisava de um plano. Tinha de descobrir uma maneira de dissuadir a abadessa de levar a cabo sua ideia. Depois de uma curva, deparei-me com um pequeno grupo de meninas mais velhas em uma rodinha, sussurrando entre si. Quando me aproximei, seus olhares se fixaram em mim como corvos famintos sobre um naco de carne.

Merde. Eu não queria falar com elas naquele instante. Não com a ameaça da abadessa ainda zunindo em meus ouvidos como vespas furiosas. Aquela notícia tinha me virado de cabeça para baixo tão completamente que era como se eu fosse um balde de água sendo virado por uma das irmãs leigas ao lavar roupa.

Mas meus longos anos de treinamento se impuseram e assumiram o controle, e consegui ocultar meu aborrecimento e confusão por trás de um véu de piedade e obediência.

– Meninas – murmurei em uma imitação quase perfeita da abadessa.

Sarra rangeu os dentes; ela odiava quando eu agia daquela maneira, mas Matelaine e Loisse me cumprimentaram calorosamente.

– Você sabe sobre o que eram todas essas reuniões misteriosas com a abadessa? – perguntou Matelaine enquanto ela e Sarra vinham caminhar ao meu lado.

Fiquei aborrecida por ter de fingir que elas sabiam algo que eu não sabia, mas dei um sorriso aberto para ela.

– Não, perdi a agitação. Sobre o que eram?

Sarra ergueu uma sobrancelha e colocou uma mão sobre o peito de modo irônico.

– Não me diga que nós sabemos algo que santa Annith não sabe?

Em um movimento que me espantou, minha mão deu um bote e segurou seu pulso.

– Se me chamar de santa outra vez, você vai descobrir o quanto *não* sou santa. – Minha voz saiu baixa, cheia de uma raiva que tinha pouco a ver com a menina.

A admiração invejosa que vi em seus olhos me surpreendeu quase tanto quanto minhas próprias ações. Soltei sua mão e respirei fundo. Todo mundo pensava que minha bondade era algo que vinha fácil para mim, que eu não me esforçava para ser assim, mas a verdade era que eu *me esforçava*. Da mesma maneira que as contas de um rosário corriam pelos dedos de um padre, uma litania de bondade passava constantemente pela minha cabeça: *Seja forte, tenha certeza de que suas ações glorificam Mortain, não demonstre fraqueza, permita que sua vontade ceda antes da dos outros.*

Era especialmente revoltante ser chamada de santa quando eu temia que era justamente essa característica – ser tão obediente – que ameaçava alterar todo o rumo da minha vida. Forcei minha voz a reassumir um tom animado.

– Então é melhor vocês me contarem para que eu saiba também.

A presunção de Sarra desapareceu, substituída por mau humor.

– Não sei sobre o que era, só sei que houve muita agitação. Eu esperava que você tivesse os detalhes.

– Não, mas me deem um ou dois dias, tenho certeza de que vou descobri-los. – E, com isso, chegamos ao refeitório, onde deixamos de lado nosso entrevero para que as freiras não percebessem.